

A QUESTÃO DA LEITURA NO BRASIL: DO VARAL À ACADEMIA

Amélia Escotto do Amaral Ribeiro¹

Alessandra Ribeiro Baptista

Magda Cristina Dias de Lucena

Resumo: Este trabalho investiga como a alfabetização é apresentada nos cordéis, buscando mapear as ideias-chave que organizam os significados do ler e do escrever. Inspirando-se no paradigma indiciário, analisam-se cordéis cujo tema é explicitamente a leitura, a escola e a alfabetização. O conteúdo dos cordéis enaltece o acesso e os usos sociais da leitura, em suas múltiplas significações.

Introdução

A leitura é uma questão sempre atual para a sociedade brasileira. Especialmente quando se analisam as relações que diferentes sujeitos e contextos estabelecem com a leitura, fica evidente que os significados atribuídos a ela são construídos a partir de marcas históricas, inscritas social e culturalmente (COLLELO, 2018). As formas como o brasileiro vem se relacionando com a leitura, embora ressignifiquem essas marcas socioculturais e históricas, permitem identificar traços que estruturam essas relações (NUNES, 2003; GONÇALVES, 2013; SILVA, 2015).

As análises que tratam dos significados da leitura para o brasileiro privilegiam aspectos específicos, como o escolar. Se tributa à escola a função de promover a aprendizagem e o gosto pela leitura (PEREZ, 2012). Há que se considerar, também, em termos da escolarização, a importância que a sociedade brasileira, sobretudo a classe média, atribui à Universidade. A respeito da leitura no contexto da Universidade, por exemplo, cabe pontuar que o discurso sobre a não leitura dos alunos é semelhante ao que se aponta sobre a educação básica (SOUZA, 2005). Sem dúvida, há que se relativizar a ideia de não leitura tanto em termos acadêmicos quanto dos demais atores da sociedade. Na verdade, as pessoas leem e atribuem sentidos positivos à leitura e ao desenvolvimento do hábito de leitura. O fato é que o que se lê não é, necessariamente, a leitura escolarizada (SOUSA, 2005).

As análises indicam, ainda, uma forte tendência em tomar a lógica centro-periferia ou a lógica classes privilegiadas- acesso e gosto pela leitura, como fundamento. Algumas abordagens fazem supor que a positividade em relação a esses aspectos está diretamente relacionada às classes sociais privilegiadas e às áreas geográficas consideradas como centros urbanos e culturais (MANKE, 2012). Disso resultam dois equívocos: um, já assinalado anteriormente, que tributa à escola a responsabilidade de promover o acesso e desenvolver o gosto pela leitura; outro, é o que evidencia certa resistência em reconhecer que grupos identificados como de baixo prestígio social têm aspirações ao acesso à leitura ou mesmo para superar a ideia de que para esses grupos a leitura não tem nem sentido e nem significado (MARIANI, 2003). Uma das estratégias para desfazer esses equívocos é considerar como objeto de análise a literatura popular. Esta cumpre reconhecidamente o papel de articuladora entre questões sociais, políticas, econômicas e culturais de uma determinada época e contexto. Em outras palavras:

A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre homem e o mundo, pois supre as fantasias,

¹ E-mail: ameliaribeiro@gmail.com.

desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é a criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação (BRANDÃO; MICHELETTI, 2001, p. 22-23).

A literatura regional do Nordeste, por exemplo, é especialmente rica (ABREU, 1999, 2005; SILVA, 2016). Nesse sentido, os cordéis enquanto expressão “literária singular, produzida por homens semianalfabetos, de leitura escassa, muitos dos quais não frequentaram sequer a escola primária” (LESSA, 1955, p. 67), representam uma fonte singular de análise. Entende-se, portanto, os cordéis como um gênero literário que se ocupa em (re)tratar determinados contextos e realidades tratando de diferentes concepções, angústias, visões de mundo a partir de temas relacionados à vida em sociedade, em suas múltiplas facetas, como a econômica, religiosa, política, social e educacional (DOURADO, 2008). Assim, tomá-los como objeto de análise permite, especialmente, refletir sobre como as pessoas, consideradas distanciadas dos grandes centros e, inegavelmente, marcadas por uma realidade pouco conhecida e considerada, tomam o ler e o escrever como tema de sua composição. Assim, este trabalho aborda como a alfabetização é apresentada nos cordéis, buscando mapear as ideias-chave que organizam os sentidos e significados do ler e do escrever.

A literatura de cordel como forma de expressão do cotidiano e como estratégia de acesso aos usos sociais da leitura e da escrita

O Cordel está relacionado tanto à tradição literária de Portugal, à evolução da tradição oral existente no Brasil, quanto à criação poética original de determinados poetas. A literatura de cordel adquire a dimensão de “fenômeno extraordinário”. Tem uma relação direta com o fato de alguns dos poetas que escreviam em folhetos a poesia oral serem, também, cantadores e representantes da tradição oral especialmente presente na região Nordeste. O ambiente sociocultural do Nordeste se tornou propício à disseminação da literatura de cordel, considerando-se as condições étnicas e sociais. As primeiras se referem ao contato permanente entre portugueses e africanos, e as segundas, à própria formação da sociedade, marcada pelas vicissitudes climáticas, pelos conflitos econômicos, sociais, religiosos e familiares. Esse cenário criou as condições de possibilidade para o surgimento de “cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular” (BATISTA, 1977, p. IV).

A respeito do perfil dos autores de cordéis, tem-se que “é geralmente semianalfabeto, quer dizer, pode ler e escrever e provavelmente tem alguma educação formal, mas raramente mais que uns poucos anos. É interessante que “essa literatura singular, produzida por homens quase analfabetos, de leitura escassa, muitos dos quais não frequentaram sequer a escola primária” (CURRAN, 1973, p. 15), adaptava “ao meio nordestino a poesia tradicional, as novelas europeias, [...] e igualmente o romancismo brasileiro” (BATISTA, 1977, p. V). Eram poetas “orais”, cantadores, que ao viajarem de um lugar para o outro acumulavam experiências ao participarem de “desafios” nos quais exercitavam a criatividade e a improvisação. Eram vistos como quem “tem [...] orgulho do seu estado. [...] Paupérrimo [...] ostenta [...] prestígio, os valores da inteligência inculta e brava, [...]. É uma voz pregoeira [...] bradando pela moralidade, pela ordem e progresso familiar e patriótico” (CURRAN, 1973, p. 16).

O público leitor dos folhetos de cordel é bastante diversificado, “[...] É geralmente o indivíduo pobre, de pouca ou nenhuma educação formal [...], o imigrante rural, [...] estudantes [...]” (CURRAN, 1973, p. 19). Para o trabalhador em engenho, por exemplo, o folheto se constituía, ao mesmo tempo, como jornal e romance.

Quanto aos temas, estes referem-se fundamentalmente às histórias tradicionais e circunstanciais, à realidade econômica e política, entre outros. Os assuntos são inúmeros. Contemplam o registro dos acontecimentos sociais e as formas de representação desses no imaginário popular (CURRAN, 1973).

A literatura de cordel desempenha um papel relevante para o contexto sociocultural da sociedade nordestina. Como em outras, as taxas de analfabetismo eram altas e os livros escassos. Nesse sentido, pode parecer paradoxal o fato de se considerar relevante a literatura de cordel para uma população analfabeta. No entanto, os folhetos do cordel serviam de estratégias de acesso ao conhecimento para a população rural, predominantemente analfabeta. Sua significação social está “[...] na circunstância constituir-se [...] como meio de comunicação; é o seu jornal, é o seu rádio, é a sua televisão. É o instrumento que o põe em contato com o seu meio, fazendo-o conhecedor das coisas de seu mundo” (BATISTA, 1977, p. XVIII). Eram sem dúvida, uma fonte permanente e sempre atual de instrução. Para os seus autores, representavam uma possibilidade de “fama, [...] de satisfazer a vaidade de ver seus versos em letra de forma, lidos em muitos estados” (CURRAN, 1973, p. 13).

O que revelam os cordéis sobre a leitura e a escrita

Admitindo-se os cordéis como reveladores das relações que os sujeitos engendram com as facetas da vida em sociedade, buscou-se, a partir de uma pesquisa qualitativa, inspirada no paradigma indiciário (GINSBURG, 1990) e na análise documental (CUNHA, 1990), refletir sobre como autores de cordéis, considerados como pessoas distanciadas dos grandes centros e, inegavelmente, marcadas por uma realidade pouco conhecida e considerada, tomam a alfabetização, o ler e o escrever, como tema de sua composição. Assim, tem-se como categoria-chave da investigação as formas como o conteúdo dos cordéis expressa sentidos da leitura e da escrita (do ler e do escrever).

Foram tomados como foco da análise versos de diferentes cordéis, selecionados dentre os publicados na *Antologia da literatura de cordel* (BATISTA, 1977) e no site da *Academia Brasileira de Literatura de Cordel* (www.ablc.com.br). Cabe pontuar que em função das fortes marcas da tradição presentes nos cordéis, há disputas e controvérsias em torno da autoria de determinados versos (ABREU, 2004). Diante dessa dificuldade em identificar as autorias dos cordéis, neste texto faz-se a opção por mencionar apenas os seus títulos e não os seus autores.

O conteúdo dos versos dos cordéis, em termos dos sentidos atribuídos à leitura e à escrita, chamou a atenção para:

– Utilizam palavras da língua padrão e do vocabulário regional. Ao fazê-lo, indicam certo grau de letramento quanto aos usos sociais da língua e estabelecem relações entre a credibilidade do que se diz e os modos de dizer

O leitor lendo esse verso,
diz logo por sua vez
que isto tudo é mentira
sem conforme nem talvez
mas o poeta bem pode
ouvindo a língua do bode
traduzi-la em português
(A vitória de cheiroso, o bode vereador).

– Admitem que a ausência de desejo de ler implica “não ficar sabendo” dos fatos e das histórias. Ainda que enfadonha, a leitura traz informações úteis.

Se não te esquivas de ler-me
Meu caríssimo leitor
Vou contar-te uma história
Curta, certa e de valor
Passada quando Lodônio
De Roma era Imperador
(Adaptação da História da Imperatriz Porcina)

- Aproximam personagens “desconhecidos” de personagens regionais, revelando o entendimento do escrito como fonte de informação e de entretenimento.

Meu leitor, meu amiguinho
Permita a imaginação
Desse encontro imaginário
De Kung Fu com Lampião
Na cidade de Juazeiro
De Padre Cícero Romão
(Encontro de lampião com Kung Fu em Juazeiro do Norte).

- Destacam as dificuldades enfrentadas por quem não sabe ler, o estudo como “salvação”, e o cordel como forma acesso à informação e de expressão de pensamentos, sentimentos e opiniões sobre o cotidiano.

Como escritor eu disponho
de pena, força e ação
de coragem e ousadia
não sofro do coração
e como homem também
enfrento qualquer questão
(Arlindo a fera homicida e os mostos de Gravatã).

Quem censura os meus livrinhos
Não passa de um caradura
Porque eu mesmo confesso
Não ter a literatura
Pois se eu tivesse estudado
Seria hoje um letrado
Faria grande figura
(Ponto final).

- Ratificam a ideia do estudo como forma de ascensão social

Eu não sinto ser pequeno,
eu só sinto morrer e não fazer um curso, seja lá pra que for,
O curso que eu tinha mais vontade [...] era pra ser jornalista;
eu morro levando um desgosto [...]
tinha o prazer se um dia tivesse o saber
(Deus e o diabo na terra do cordel).
É preciso praticar
A leitura e a escrita
Pra contar nossa história

Com uma rima mais bonita
...
Desejo caro leitor
Que faça boa excursão
Pois até essa leitura
Tirou-lhe da exclusão
(Um cordel sobre leitura).

Quero mais que alfabeto
Mais do que abecedário
Quero ver cada leitor
Já Dizendo: - Eu sou páreo
Pois eu tenho a leitura
Com total desenvoltura
Dentro do meu calendário
(Um cordel sobre leitura).

– Valorizam o livro e a leitura

Neste Cordel falarei
sobre meu melhor amigo,
que me ajuda a encontrar
lazer, trabalho, abrigo.
...
Desde meus primeiros anos,
segue sempre comigo.
Leio livro em minha cama,
em ônibus, metrô ou trem,
em navio ou avião,
ou mesmo esperando alguém.
Leio para o povo ouvir.
Leio para transmitir
a riqueza que ele tem
(Nas asas da leitura).

Considerando as ideias que se revelam pela análise dos conteúdos dos versos dos cordéis, cabe colocar em pauta a necessidade de rever a visão estereotipada que associa a atribuição positiva de sentidos à leitura e à escrita a contextos geográficos e culturais tidos como privilegiados. Ao contrário, os versos selecionados apontam que há uma valorização da leitura e da escrita como ação significativa no e para o cotidiano do povo. No que tange às formas de lidar com o saber, os cordéis demonstram que há um movimento propositivo que visa a incorporar a leitura e a escrita à dinâmica da vida em sociedade.

Inquietações para não finalizar...

Tomando como base as contribuições teóricas sobre a literatura de cordel e sua importância enquanto fonte de expressão dos modos de perceber o cotidiano, em um contexto geográfico e sociocultural específico – o nordestino, observou-se que o conteúdo dos cordéis, de uma forma direta ou indireta, trata das múltiplas formas como os sentidos da leitura e da escrita são tecidos em estreita interação com o cotidiano. Consideram-nas em suas múltiplas significações, reconhecendo-as como relevantes para o sujeito nordestino. Por conseguinte,

para os sujeitos oriundos de grupos e regiões considerados de menor prestígio social. Nesse sentido, os cordéis, ao mesmo tempo em que revelam valores, aspirações, agruras de contextos e cotidianos, estimulam a reflexão sobre as múltiplas realidades sociais que compõem a sociedade brasileira. E nessas, os sentidos da leitura e da escrita. O conteúdo dos cordéis enaltece a leitura em suas múltiplas significações e reconhece como relevante, sobretudo para o sujeito do Nordeste, o acesso à leitura.

Chama a atenção o fato de que, mesmo assistindo-se a uma profusão de discursos e proposição de ações em favor da promoção e do respeito à diversidade, a forma como os cordéis, seus autores/poetas, são apresentados ainda traz marcas do entendimento de que os sujeitos oriundos de regiões ou grupos tidos como desprivilegiados são marcados por ideias de “pobreza”, de analfabetos.... Acredita-se que a ampliação da produção acadêmica sobre esse tema pode contribuir positivamente para que essas formas equivocadas em entendimento sejam, paulatinamente, superadas. Assinala-se, ainda, que a leitura e as questões que a envolvem permeiam as relações que engendram a constituição das marcas identitárias da sociedade brasileira e seus sujeitos, dos discursos às construções/expressões do imaginário, para além de classes sociais e contextos.

Referências

ABREU, M. (Org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas-SP: Mercado das Letras: ALB; São Paulo: Fapesp, 1999.

ABREU, M. “Então se forma a história bonita” – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004

ABREU, Márcia S. Em busca do leitor: estudo dos registros de leitura dos censores. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. (Org.). *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

BATISTA, S. N. *Antologia da literatura de cordel*. Natal-RN: Fundação José Augusto. 1977.

BRANDÃO; MICHELETTI, G. (Coord.) *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 2001.

COLELLO, S. M. G. Por que as crianças, do seu ponto de vista, aprendem a ler e escrever? *Convenit Internacional* 27 mai-ago 2018 Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto.

CUNHA, I. M. R. F. Análise documentária. In: _____. *Do mito à análise documentária*. São Paulo: Edusp, 1990. p. 59-77.

CURRAN, M. J. *Literatura de cordel*. Recife: Editora Universitária. Universidade Federal de Recife. 1973

DOURADO, G. *Cordel: do sertão nordestino à contemporaneidade da Internet*. 2008. Disponível em: <<http://blogs.universia.com.br/cordel/2008/11/16/cordel-do-sertao-nordestino-a-contemporaneidade-da-internet/>>. Acesso em: março/2018.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GONÇALVES, M.de L. B. Sociologia da leitura – uma abordagem teórica em busca do público leitor. *RevUnifamma*, v. 12, n. 2, p. 68-89, dez. 2013.

LESSA, Orígenes. *A voz dos poetas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

MANKE, L. S. *História e sociologia das práticas de leitura: A trajetória de seis leitores oriundos do meio rural*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2012. 234f.

MARIANI, B. As leituras da/na Rocinha. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PEREZ, M. C. A Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p. 11-25, jan./jun. 2012.

SILVA, V. D. da. *A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino desse gênero na sala de aula*. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/download/831/429>>. Acesso em: mar. 2018.

SOUSA, M. E. V. de. Discursos sobre a leitura: vozes de leitores. *Revista do Gelne*, v. 7, n. 1/2, 2005.